

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

N.º 77

SEGUNDA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1905

E prohibida a reprodução das gravuras e artigos insertos na **ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**

ASSIGNATURAS

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Anno	8\$000
Semestre	4\$000
Trimestre	2\$000

Brazil

Anno	4 45\$000	moeda fraca
Semestre	2 25\$000	" "

Territorios da união postal

Anno	9\$000
Semestre	5\$000



LISBOA

Empreza do jornal "O SECULO."

43—RUA FORMOSA—43

DE 1 AOS 15 ANOS

500 réis por trimestre

Com esta contribuição receberá uma criança de um ano de idade, quando completar os 21 anos a quantia de **70\$400** reis. Contribuição desde 500 reis em qualquer quantia, trimestralmente. Contribuições únicas, isto é, pagas de uma só vez. Preença prospectos à **Missão da Equitativa das Estadas Unidas do Brasil**.

Largo de Camões, II, 1.º — Lisboa



VITALOL

Meyrelles & Moura Brasil

Rio de Janeiro: Rua S. Pedro, 59—Rua Gonçalves Dias, 71
Bahia: Drograria America
E EM TODAS AS BOAS PHARMACIAS

A chalcia — o superior
tribunal da ciência —
tem sancionado e valor
curativo do VITALOL nas
doenças onde há perda
de phosphates: Tubercu-
lose — Diabetes — Gypse-
mia — Neurasthenia — De-
bilidade geral — Surme-
tase — Cansaço physico-
intellectual — Digestões
deficientes — Impotência —
Procrastamento — etc.

DEPOSITOS
na Gonçalves Dias, 71
marica
ARMACIA

NESTLÉ
FARINHA LACTEA



PROVEM
O
BUCELLAS
HOCK
SAHDEMAN
PEÇAM EM TODA
A PARTE

MERCURIO

Companhia de Seguros
Marítimos e Terrestres
Capital 2.000.000\$000

Deposita no Tesouro Federal
Réis 200.000-5000

Auctorizada a funcionar
por carta patente n.º 1

Incorporada pela Associação dos Empregados
no Comércio do Rio de Janeiro

41, Rua Primeiro de Março, 41
Junto ao Banco União do Comércio

RIO DE JANEIRO
Tem pago sinistros, abatendo resguar-
ros, em seis semestros,
mais de 1.000.000\$000 réis

Directoria: José Ribeiro Duarte, Presidente;
Thomas Costa e Joaquim Nunes da Rocha

Adressa telegraphica: Azougue (Cod.º Ribeiro)

Caixa de Correio n.º 36—Telephone 339
Tem agencia no Porto e em outras cidades

[illegible]

TRENS com
oda
de
borracha
RUA DAS PEDRAS NEGRAS
31
Telephone 208

Bueno Romera
 CIRURGIÃO-DENTISTA
 Tratamento de doenças da boca
 Colocação de dentaduras artificiais.
 CONSULTÓRIO
CALÇADA DO COMRO, 32, I.
 (V. Igo Paulistas) — Lisboa



E. DIAS SERRAS
CASA DE LOTERIAS E TABACOS
26 RUA DO OURO 26
 Especialidade em tabacos havanos e da Bahia

NUMEROS PERMANENTES DA CASA												
331	332	895	1351	1440	1441	18671	1868	1892	1942	2002	2262	
2263	2268	2292	2343	2359	2377	23931	2396	2397	2398	2738	2853	
2959	2965	3089	3369	3621	3622	3623	3624	3625	3626	3627	3628	
3629	3630	4641	4642	4643	4644	4645	4646	4647	4648	4649	4650	

Vantajosa concessão: Brinde a todo o publico

O Vigorizador Electrico do Dr. McLaughlin

Já não é uma experiência

Lithiase renal, dores nos rins e insônia

Em consequência das indústrias ocupações não tenho podido fazer uso do **Vigorisador Eléctrico** todas as noites; no entanto, e que posso assegurar a v. ex.ª, sem medo de ser desmentido, e que as dores renais desapareceram, bem como as insónias. As micções tornaram-se regulares, as urinas de vermelhas que eram, voltaram no seu estado normal. — Santo Ovidio, 18 de abril de 1905. — De v. (A) *Adolpho Cardoso Botelho*, condutor das obras publicas, (Villa Nova de Guaya).

CONSULTAS n um formoso livro **GRATIS** a todos

Aviso importante Não venham em tossar pelo novo estabelecimento a fim de conhecerem o nosso aparelho e tenham presente que durante a exposição da nossa **Vigilador Eléctrico** temos contínuos gratos do nosso Indígena. Quem não poder fazer-nos uma visita parte sem qualquer a mudança com a sua direcção, que lhe recomendamos **GRATIS**, pela volta do correio, um bilhete emersitadamente superior, dando a data do destino.

ESTA CASA NÃO TEM AGENTES

DR. M. P. MCLAUGHLIN

Horas: 9 m. às 8. n. **RUA AUGUSTA, 188, 2.º - LISBOA** Domingos: 10 m. às 11.



ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empresa do jornal O SÉCULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

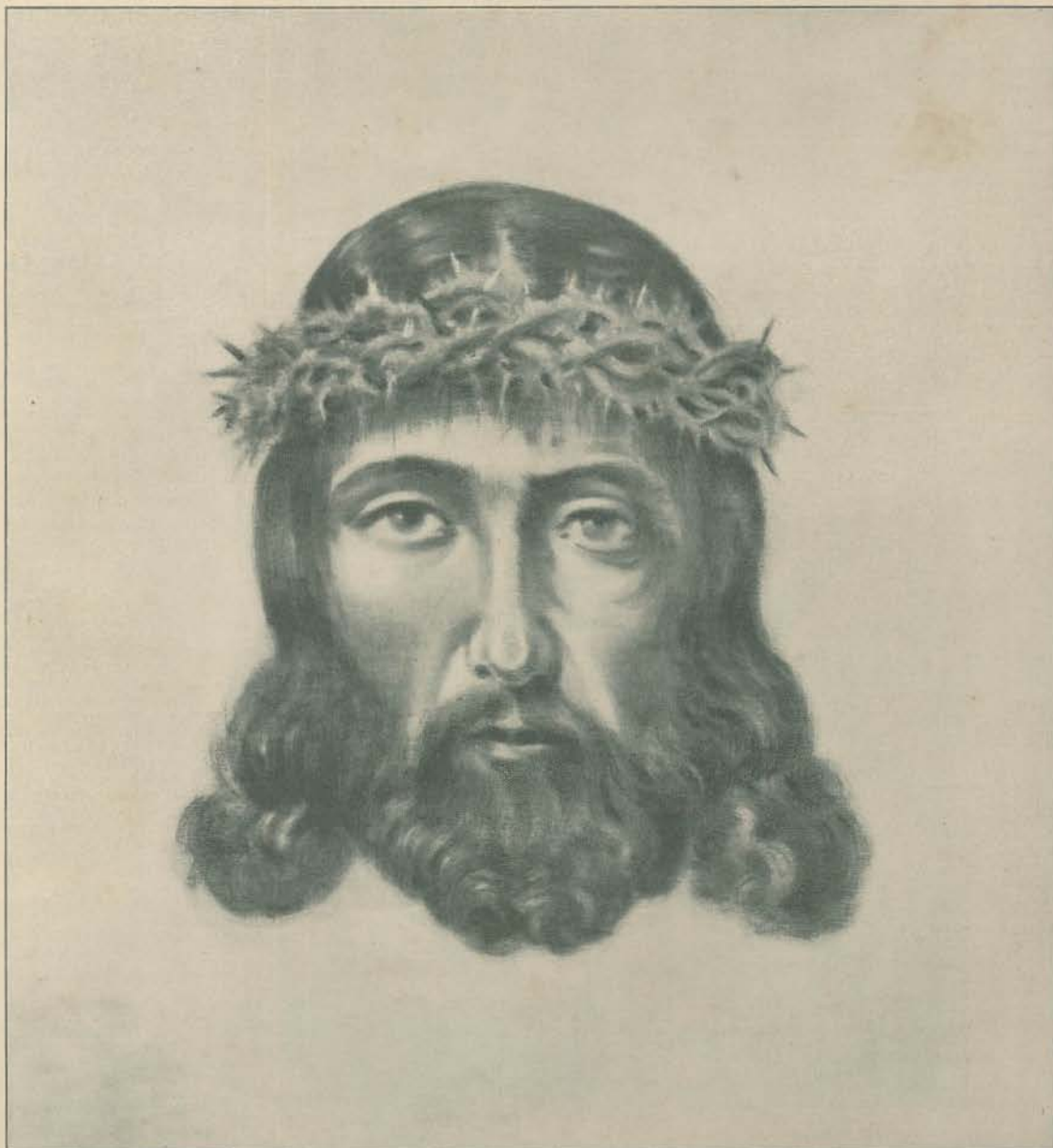
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—Lisboa

SEGUNDO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 24 DE ABRIL DE 1905

NUMERO 77



JESUS. CHRISTO

CHRONICA

O Senhor Morto

A Semana Santa, com a sua evocação dos quadros do Martyrio do Senhor, encheu as ruas de lutos e de multidões lentas e rumorejantes, os confeiteiros de freguezes ávidos e o sr. José Luciano de alegrias íntimas. A cidade entraçou-se de negro e visitou as igrejas; o presidente do conselho aronchegou-se no *chambre* como n'um ninho e, em vez de orações, de litanias, teve socoço e risos.

Não se trata, porém, d'uma herosiarchia, d'uma falta de fé christã, como muitos poderiam julgar ante o seu publico trato com judeus; essa alegria nasceu da tregua que lhe foi concedida, esses risos geraram-se no reponso que a Semana Santa lhe decretou. Abriam-se as igrejas para a cerimonia, taparam-se os altares, vestiram-se de roxo os emblemas sacros, subiu o incenso em rolos, os fleis calcaram o cheiroso rosmarinho. Fechou-se o parlamento por uns dias, os políticos foram a ferias, ficaram n'um silencio cru os bustos de marmore da Camara, calou-se a batalha e nas suas terras os parlamentares refizeram-se na contemplação da verdura dos prados, na primitiva rudeza da crença que o povo praticou nas capelinhas brancas. Soaram nos templos em litanias as vozes dos padres, calou-se na Camara Alta a voz trovejante e demolidora do sr. Baracho. Por isso a semana tão tormentosa para o Redemptor foi deliciosa para o presidente do conselho, o unico portuguez que teve realmente uma Semana Santa e que ponde fazer á vontade do *senhor morto*, n'um reponso, n'um silencio, n'uma calada.

Fizeram-se as Trevas, em murmurios armados, em orações tristonhas na paz das naveas; diante do drama christão mulheres e homens ajoelharam n'uma massa de rendas negras, de sobre-sacas negras; passaram milhares de pessoas sem



EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES — A PROCESSÃO, QUADRO DE MALHOA

No entanto conservou-se na sua cadeira de rodas como o S'nhor no seu esquife, com um contentamento d'alma ao senti- com esses ruidos da Semana Santa que lhe vinham da rua o parlamen-

senão á sobrezeza e por causa da má qualidade dos cigarros.

Durante a semana, como um verdadeiro Senhor Morto, queidou-se, não leu jornaes, não recordou o pretorio das Camaras, nem a via dolorosa errada das pedras agudas da discussão, nem o Cyrineu-Miranda que se recusava a ajudalo a levar a sua cruz até ao Calvario, não pensou na Alleluia, só entrou a vêr a Paschoa com as carnes sangrentas e as rosas sem espinhos, com os prazeres e sem os trabalhos.

Mas em sabbado d'Alleluia, quando os sinos entraram a repicar festivos nos centenares de campanarios da cidade, quando o ar limpo se encheu de sons alegres que lhe turbavam o reponso, sentindo que se acabava a Semana Santa e chegara a hora de resuscitar para o parlamento, para as explicações, para a denuncia do contracto, cerrou os olhos e fingiu não envir esses signaes alegres de despertar, ficou-se, emburruhou-se mais no *chambre* e quando as portas dos ta'hos appareceram as peças gordas das carnes, á porta do seu quarto appareceu o primeiro amigo que lhe vinha relembrar a hora tormentosa, appareceu o ministro que vinha para decorar o discurso de resposta.

Mas o presidente do conselho deliberou prolongar a sua Semana Santa, sentiu dentro de si uma voz pouco christã a dizer-lhe que os judeus, apesar de tudo que corre a seu respeito, tem sido melhores para elle do que os christãos provados que o aguardam no parlamento. E por isso, n'uma Semana Santa continua, elle fará por muito tempo de Senhor Morto sem Alleluia... e sobretudo sem *Ecce Homo*.

ROCHA MARTINS.



EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES — BARCOS POVOEIROS, QUADRO DE JOÃO VAZ

uma risada e sem um laço garrido, de dia e de noite, da Sé para a Graça, da Graça para S. Domingos e de S. Domingos outra vez para a Sé, com paragens diante das vitraças enfeitadas dos confeiteiros, onde havia deslumbramentos de luz, de cestinhas mimosas, de amendoas coloridas. Veiu a Quinta Feira Santa e a mesma gente correu as mesmas ruas, as mesmas igrejas e parou nos mesmos confeiteiros; chegou a Sexta Feira de Paixão, da morte do Redemptor, e ainda essa turba flol e gulosa foi prostrar-se em face dos esquifes onde o Christo, macilento e chagado, repousava no seu sudario, e foi enfileirar-se diante dos balcões onde os marcanos atarefados faziam emburliinhos de confeitos brancos e de amendoas torradas.

No seu palacio dos Navegantes, como em basilica rica, o senhor José Luciano soubo de toda essa gente que passava de luto, de todas essas igrejas em exposição, de todas essas confeitearias enfeitadas, chegaram-lhe de fóra em lufadas de vida impressões de criados ácerca dos altares e das montas, do povolen e das rozas, das luzes e das scenographias dos Calvarios, das imagens e dos paramentos, e sentiu que dos vestidos se evolava um cheiro de incenso, de rosmarinho e de cera, e ouviu que dentes fortes de gente sua devota e da Anadia roiam torrões grossos de chocolate e se atanchavam rijos nas amendoas torradas.

to distribuido pelas provincias a passear-se nas estradas, a preparar o foliar da Paschoa, a jantar nas tardes formosas sob as arvores das quintas, falando das colheitas e não pensando nos tabacos



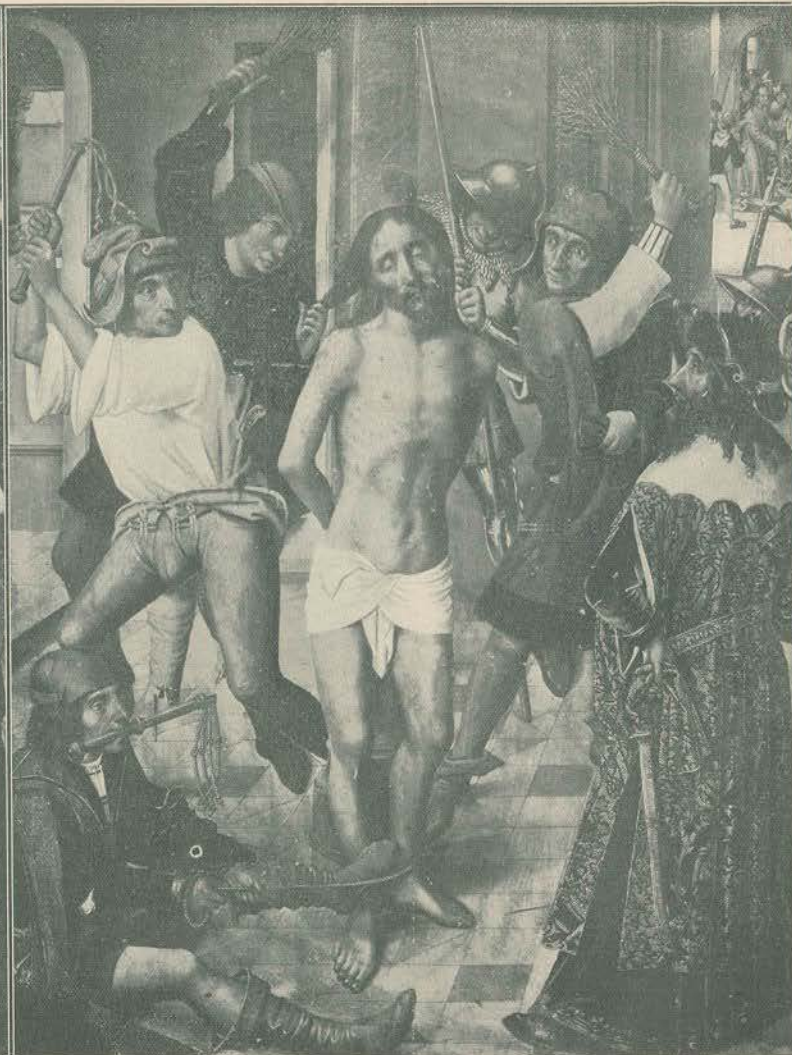
EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES — ENVIADA DE PESCA, QUADRO DE THOMAZ DE MELLO



EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES—PAISAGEM ALENTEJANA, QUADRO DE S. M. EL-BEL

Essa paisagem toda verde, com sobeiras e com um casal que alveja, é uma das melhores telas que appareceram na exposição. Passa por sobre esse campo uma luz bem distribuída e no primeiro plano, tratado com uma indubitável verdade, um sobeiro destaca, com os seus troncos onde ha dola largas côrtes da cortiça colhida. As folhas das arvores parecem nimbadas d'essa meia tuta vapores que anda no espaço nos dias de calor e os longos bem tratados, assim como é magnificamente trabalhado esse canvaso alentejano.

A *Paisagem alentejana* mede 2,10x1,45 e vê-se n'ella o cunho d'um verdadeiro artista, marcado na nota d'observação que lhe imprime, o sentimento bem artistico que preside a essa composição de veras interessante. Já outros trabalhos de S. M. El-Bel tinham sido destacados e impostos a attenção publica, sempre com o mais merecido louvor; este, porém, é uma altissima affirmação do talento do sobredito, que, assim, com o seu exemplo, eleva e incita a arte portugueza.



A VIA DOLOROSA

SEMANA SANTA—QUADROS DA VIDA DE CRISTO, ESCOLA HOLLANDEZA, PERTENCENTES AO ANTIGO CONVENTO DE SETÚBAL E ACTUALMENTE EXPOSTOS NO MUSEU DAS JANELAS VERDES

«Ao sair da cidade acharam a um homem de Cirene por nome Simão: a este constrangeram a que levasse a cruz d'esse padecente. E vieram a um lugar que se chama Gilegatha, que é o lugar do Quebrado. E lhe deram a beber vinho misturado com fel. E tendo-o provado não o quis beber. E depois que o crucifixeram, repartiram as suas vestimentas lançando sortes para que se cumprisse tudo o que tinha sido anunciado pelo profeta que diz:

—Repartiram entre si as minhas vestimentas e sobre a minha túnica lançaram sortes.»

(Do Evangelho de S. Mathews)

CHRISTO SENDO AÇOITADO

«E depois de fazer açoitar a Jesus entregou-o para ser crucificado. E tido os soldados do governador, tomando a Jesus para o levarem ao pretório, fizeram formar a rous d'elle toda a coorte. E despiu-o-lhe vestiram um manto carmesim. E tendo de uma coroa d'espinhos lh'a puzeram sobre a cabeça e na sua, e ajoelhando diante d'elle o adoravam dizendo: Deus te salve rei dos Judeus. E cuspido n'elle tomaram uma canna e lhe deram com ella na cabeça. E depois que o escarcearam vestiram-lhe os seus habitos e assim o levaram para o crucifixerem.»

(Do Evangelho de S. Mathews)



O BEIJO DE JUDAS

SEMANA SANTA—QUADROS DA VIDA DE CHRISTO, ESCOLA HOLLANDEZA, PERTENCENTES AO ANTIGO CONVENTO DE SETUBAL E ACTUALMENTE EXPOSTOS NO MUSEU DAS JANELAS VERDES

«Estando elle ainda falando eis que chega Judas, um dos seus, e com elle uma grande multidão de gente com espadas e varapaus, que eram os ministros enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos scribas do povo. Ora o traidor tinha-lhes dado este signal, dizendo: Aquelle a quem eu der um beijo esse é que é; prende-o. E chegando logo a Jesus lhe disse: Deus te salve, mestre. E deit-lhe um beijo. E Jesus lhe disse: amigo, a que vistes? Ao mesmo tempo chegaram os outros a elle e lançaram mão de Jesus e o prenderam».

(Do Evangelho de S. Mathews.)

PILATOS LAVANDO AS MÃOS

«Estando, pois, elles todos juntos disse-lhes Pilatos:—Qual quereis vós que eu solte? Barrabás ou Jesus, que se chama Christo? Porque sabia que per inveja é que lhe tinham entregado. Entre tanto estando elle assentado no tribunal, mandou-lhe dizer uma mulher:—Não te embaraces com a causa d'esse. Justo porque hoje em senhos foi muito o que pudeci por seu respeito. Mas os príncipes dos sacerdotes e os ancilhos persuadiram os do povo a que pedissem a Barrabás e que fizessem morrer Jesus. E fazendo a governador esta pergunta lhes disse:—Qual dos dois quereis vós que eu solte? E responderam-lhes:—Barrabás! Então Pilatos, vendo que nada aproveitava, mandou vir agua, lavou as mãos á vista do povo, dizendo:—Eu sou innocente do sangue d'este justo, vós lá vos arviades».

(Do Evangelho de S. Mathews.)



A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES

«LENDAS AS PROPHECIAS», QUADRO DE AIRES DE GOVEIA—«FESTA DE SANTO ANTONIO», QUADRO DE CARLOS REIS—«VELHA FIANDO», QUADRO DE MALHOA—«O DINHEIRO DAS CINCO CRIANÇAS», QUADRO DE ALMEIDA E SILVA—«A COMPRA DO VOTO», QUADRO DE MALHOA—«A ESCOLA DAS CINCO CRIANÇAS», QUADRO DE ALMEIDA E SILVA—«VESPA DA NOITE», QUADRO DE ALMEIDA E SILVA

Entre as obras que expuseram este anno pertencem a logar de honra a David Mello e Trigueiros. O primeiro apresentou um quadro intitulado a «Sopa» em que ha tres velhas bebendo e caido que se amolaram. Uma é cega, roldas as pestanas, as orbitas saugrentas, as outras tem carnes ressequidas e rostos dolorosos; vestem de luto e as suas cabeças bem trabalhadas destacam com verdade intensa. É um magnifico trabalho assim como o de Trigueiros, que nos deu uma estranha arrebalhada ao amanhecer, carroças cheias de trouças com lavadeiras salteiras no ritmo, sommelas na pueria dos machos que tiram a enxada. O quadro tem cor, é bem alyado. Almeida e Silva é um outro artista de logar aparte na exposiçao, ja o anno pasado o Ribeiro netar. O pintor este anno impoz-se firmemente, com tres telas magnificas. «Vinha do grevista», «Vespera» da

feita e «A escola das cinco crianças». Na primeira ha uma tragedia nos rostos adoraveis de expressao, no ultimo ha flagrança nas physionomias d'esses homens, que contam a' uma sacristia o dinheiro das esmolas, de caras paternas e de olhos interesselles. O pintor vende dar aos seus quadros toda a intensidade que elles requeriam, como era de esperar do seu talento. São dignos de nota os trabalhos da sr.ª D. Emilia dos Santos Braga que se apresenta com um estudo de nu, cabeças deliciosas de mulheres e de crianças. O pintor portuense Antonio Carneiro expoz um belissimo retrato. Candido da Silva fez um bom retrato do mestre d'armas Fariado Coelho e Francisco Valença caricaturas que são interessantes, cheias de humor que revivem o seu lapiz esda-brado e morião.

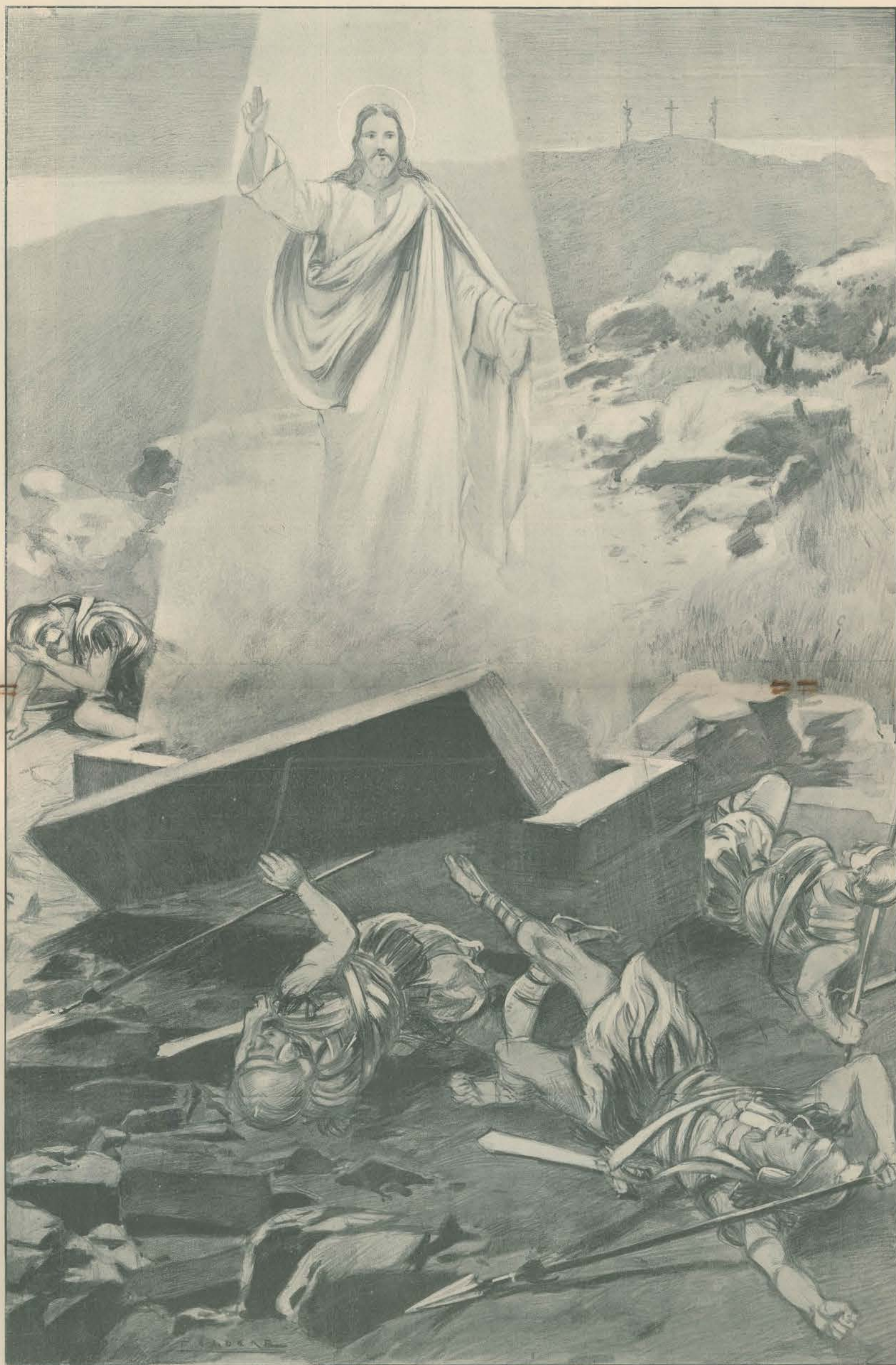


A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES

'MULHER LAVANDO', QUADRO DE JÚLIO FERREIRA PINTO—'CARICATURAS', POR FRANCISCO VALENÇA—'CONSULTARIO D' O REPORTORIO', QUADRO POR ALMEIDA E SILVA—'A VIDA DAS LAVADEIRAS', (1913) DA ESTRADA DE LOURES). QUADRO DE TRISTÃO—'BATALHA', QUADRO DE J. DE MELLO—'A NOVA', QUADRO POR DAVID DE MELLO

A nova exposição de Bellas Artes teve o interesse de nos revelar alguns pintores de talento e de consagrar definitivamente artistas que nas primeiras tentativas tinham mostrado certo valor. Os dois grandes pintores Coimbra e Salgado não esqueceram. Mas como em compensação Malhoa apresentou algumas tolas de assumptos bem portugueses, cheios de verdade e de caracter como na 'Pruçião' em que ha claridade, vida, uma mancha festiva, como no quadro que se intitula 'Velha flando' em que parecemos vir os dedos ressequidos da velhinha des- enrolando a estriça. «A compra do voto» é outra composição do illustre artista tambem caracte-

ristica; e essa tem ya sua alegria, na sua satyia em que de delirio. 'Tempo sem chuva, lar sem pão' é o quadro de vida rural. Na parte das do dia chuvoso, adentro d'uma cabana humilde, marido e mulher meditam na desgraça d'esse tempo que os deixa sem pão. Malhoa colheu de melhor gloria com estes seus trabalhos deveses simplices. Conclui a expozição com a 'Jerra'. Vae a alguns 'marinheiros', Colyze o quadro 'Depois da batalha' que já publicamos, e Carlos Reis que o quadrado e interessante 'Cevadilha em flor' e 'Fonte de Santo Antonio', tudo ha colorido, tonalidade e vida.



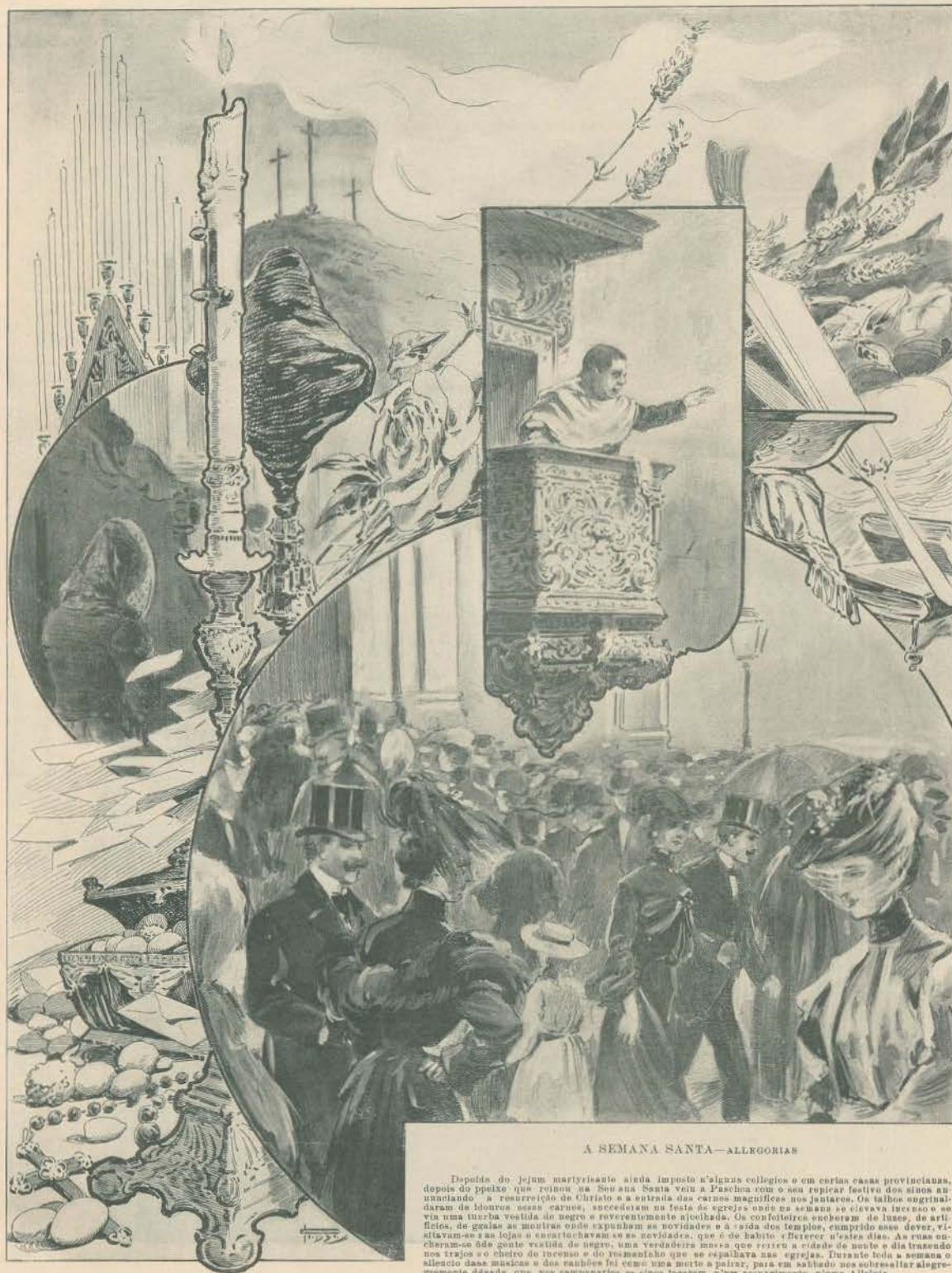
A RESURREIÇÃO

«E no outro dia que é o seguinte ao passado, os principais dos sacerdotes e os phariseus acudiram juntos a casa de Pilatos, dizendo: «Senhor, lembra-vos de que aquelle embusteiro vivendo ainda disse: Eu hei de resurgir d'ahi a três dias. Da logo ordem para que se guarde o sepulchro até ao dia terceiro para não acontecer que tenham seus discipulos e o fustem e digam a plebe: Resurgiu dos mortos e d'acta

este virá o ultimo embuste a ser peor que o primeiro». Pilatos lhes respondeu: «Vós all todos guardas, ide guardas e como entendeis». Elles porém retirando se trabalharam por ficar seguros o sepulchro, colando a rampa e pondo-lhe guardas. Mas na tarde de sabado ao amanhecer o primeiro dia da semana, vieram Maria Magdalena e a outra Maria ver o sepulchro. E eis que tinha havido um grande

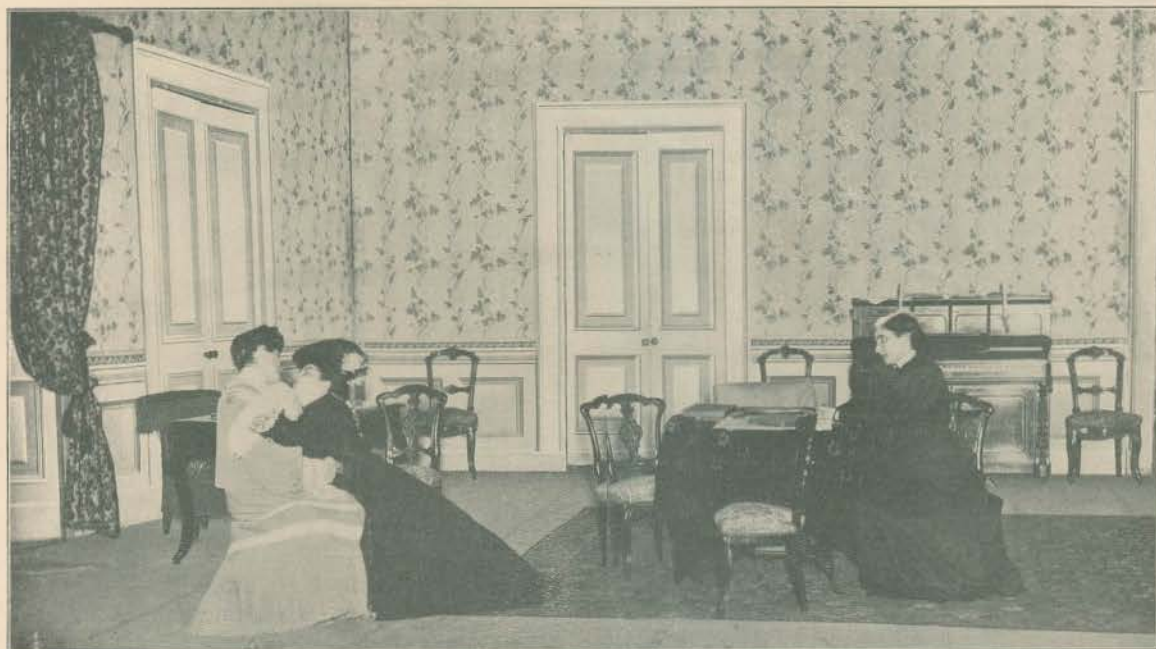
terremoto. Porque um sopro do Senhor desceu do céu e o chumbo revoltou a pedra e estava sentada n'ella: E o seu aspecto era como um relampego e a sua vestidura como a neve. E de terror d'elle se acobertaram os guardas e ficaram como mortos.

(Do Evangelho de S. Mathias)



A SEMANA SANTA—ALLEGORIAS

Depois do jejum martirizante ainda imposto n'alguns collegios e em certas casas provincianas, depois do prelo que rola na Semana Santa vou a Pascha com o seu repicar festivo dos sinos annunciando a resurreição de Christo e a entrada das carnes magnificas nos jantares. Os talhos original-daram de Idouros essas carnes, succediam na festa de egreja onde na semana se elevava incenso e se via uma turba vestida de negro e reverentemente ajoelhada. Os confiteiros encerram de luses, de artilhos, de genias as mostras onde expunham as novidades e á saída dos templos, cumprido esse dever, visitavam-se as lojas e succatuchavam-se as novidades, que é de habito offerecer n'estes dias. As ruas encheram-se de gente vestida de negro, uma verdadeira massa que corre a cidade de noite e dia trazendo nos trajes o cheiro de incenso e do ruemantillo que se espalhava nas egrejas. Durante toda a semana o silencio das musicas e dos canhões foi como uma morte a pairar, para em sabado nos sobresallar alegremente dadas que nos campanarios os sinos teceram, n'um resurgimento, n'uma Alleluia.



ANGELA PINTO (JULIA) — AUGUSTA CORDOSO (ANGELA)

HEATRIZ RENTE (CAROLINA)



ANGELA PINTO (JULIA) — FERNANDO MAIA — (ANTONIO MAIRAUT)

JOAQUIM COSTA (MAIRAUT) — CAROLINA VALCO (MADAME MAIRAUT)
AUGUSTA CORDOSO (ANGELA) — HEATRIZ RENTE (CAROLINA)

«AS TRES FILHAS DO SR. DUPONT», PEÇA DE BRIEUX EM SCENA NO THEATRO D. MARIA, TRADUCCÃO DE JOSÉ SOARES

O grande dramaturgo francez fez d'esta peça uma affirmacão que de ha muito estava em todos os animos: que os costumes de conveniencia não são felizes. Faz passar a acção de uma peça entre burguezes e poetas que se egaram mutuamente como os noivos se egaram por sua vez e d'esta atmosphera de indubio sai a desgraça de lar que elles infelizmente formam. Cheia de detalhes, de minucias, de pequenas coisas que são indispensaveis no theatro moderno,

e a peça é como um espelho de certa sociedade universalmente a mesma. Os artistas do theatro D. D. Maria deram-lhe uma magnifica interpretação, sobreindo Ferreira da Silva e Fernando Maia. «As tres filhas do sr. Dupont», cujas paizões foram representados por Angela, Augusta Cordoso e Heatriza Rente, e obra de successo. Estas actrices auxiliaram d'uma bella maneira o desempenho da peça, cuja traducção é em extremo cuidada.

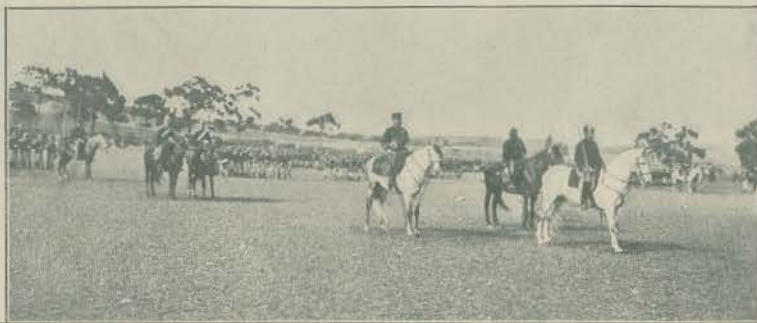
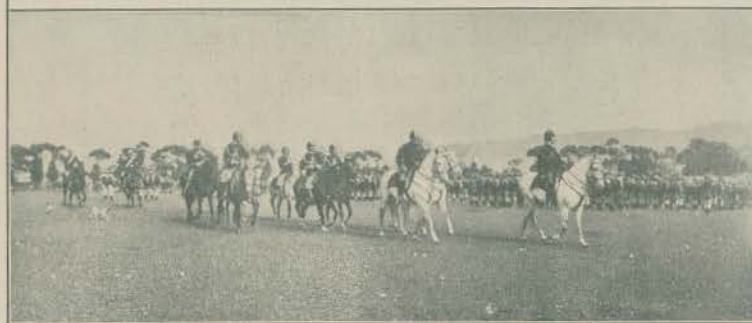
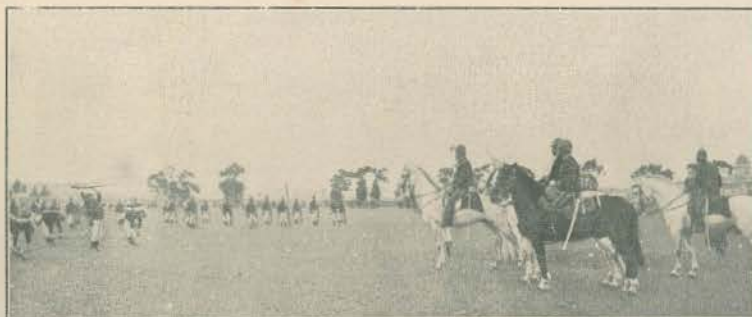


SEMANA SANTA—VIDA DE CRISTO: NO MONTE DAS OLIVEIRAS

Então lhes disse Jesus:—A todos vós será esta noite uma ocasião de escândalo. Está pois escripto: Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se porão em desarranjo. Porém, depois que eu resurgir irei adiante de vós para a Galilea.—Do Evangelho de S. Matheus.

Foi n'aquelle lugar que Christo caiu nas mãos dos soldados, depois de ter pregado aos seus e orado em secego e de ter dito a Pedro que o negaria tres vezes; o que com effeito succedeu, por que no attio do pretorio ao perguntarem-lhe se elle tambem estava com Jesus, exclamou:—Juro

que tal homem não conheço! Tres vezes disse o mesmo a mesma e logo cantou o gallo, fazendo-o recordar que Christo lhe dissera como antes do cantar o gallo tres vezes o negaria. E assim se cumpriu a prophacia do Divino Apostolo.



A REVISTA À 2.ª BRIGADA DE INFANTARIA NO HIPPODROMO

EXERCÍCIOS D'ARMAS DA INFANTARIA—EM ACCELERADO—O LEVANTAR DO BIVAU—INFANTARIA 16: PREPARAR ARMAS!—O GENERAL DE DIVISÃO PASSANDO A REVISTA—O COMANDANTE DA BRIGADA

A brigada, constituída pelos regimentos d'infantaria 5 e 16 e batalhão de caçadores 6, concentrou-se no areal da Junqueira às 3 horas da tarde do dia 17 de abril, marchando depois para o hipódromo sob o commando do general Costa

Muniz. Após a concentração ao general de divisão que passava a revista, as tropas executaram isoladamente exercícios de ginstica com arma e exercício de bayoneta. O pelotão de caçadores 6 formou uma ponte e uma companhia fez a sua

defesa. Tornou-se notável o levantamento do bivau de infantaria 16 feito e desfeito em cinco minutos. Duraram três horas os exercícios aos quaes assistiram muitos officiaes, sendo a policia do campo feita por soldados de cavallaria 4.



ISTO TUDO É UMA SUCIA DE MAROTOS ADULADORES

O GRANDE CAGLIOSTRO

NOVELLA HISTÓRICA — ORIGINAL DE CARLOS MALHEIRO DIAS

«E' preciso chamar os tresloucados á razão! Sabe Vossa Grandeza qual o conceito que merecem os ministros da Rainha ao Príncipe herdeiro? Parece-lhe excellentes personagens de comedia! Para esse joven voltaireano, o secretario dos negocios do reino não passa de um espirito cultivado de asnetras! Enquanto ao sr. marquez de Angeja, accusa-o, sem hesitação, de conussonario e de corrupto! Aos auxilios da Legislatora chama humilhações! Não o aterra a ideia da Republica! Antes, parece encontrar prazer em se afflictoar a ella! Os meus respeitosos protestos encontraram em Sua Alteza a mais formal e obstinada reluctancia. Debalde, na defeza de homens os mais eminentes, appeallei para o seu coração e para a sua gerarchia!

Thessalonica dobrou-se na cadeira e perguntou baixo:

—Alguna coisa lhe ouviu a meu respeito?

Lord Beckford abanou gravemente a sua cabeça empoadada.

—Affirmou-me que Vossa Grandeza seria o primeiro que destituiria de todos os cargos, se assumisse a regencia! E como eu ouzasse lembrarlhe o affecto paternal que Vossa Grandeza lhe dedica, aconselhou-me a que desconfiasse do frade, porque dobaixo do habito estava o inquilidior! As inclinações liberais de Vossa Grandeza explica-as como medo dos jesuitas! Amesquilha o poder da Igreja, assevera que foi a intenção do marquez, ao confiar a Vossa Grandeza a diocese de Penafiel!

Muito pallido, Thessalonica apertou entre os dedos rudes a mão fina de lord Beckford.

—Ponpae-me o rosto!

E Thessalonica vergou-se sobre a meza, occultou a cabeça entre as mãos.

Lord Beckford percebeu que elle chorava.

Durante um momento, no pequeno gabinete obscuro, onde só a luz do lampião de azeite illuminava as farras cortinas de damasco e a confusão da papelada sobre o buffete, não se ouviu um sussurro de movimento ou de voz.

Finalmente, lord Beckford, comprehendendo que a occasião era excepcionalmente favoravel, para decidir aquella forte consciencia, combatida pelo vexame e pela humilhação, ouso quebrar o silencio:

—Não exagere Vossa Grandeza o alcance d'essas palavras imprudentes. O Príncipe é moço e a mocidade é ingrata!

O Arcebispo teve um arrebatado gesto.

—Quasi um filho, em que eu tinha posto todas as esperanças da nação! E para o distinguir, tenho eu sido rude e severo para com o Infante! Vêdo como é feito de singular maneira o coração dos homens! Entre o cordeiro e o lobo, foi o cordeiro que eu escorecei! Entre o christão e o apostata, foi a este que me afficçãoi, e em um amor de pai!

—Dizto dos interesses politicos, um principe não tem senão a cathedra das suas qualidades ou defeitos! — disse lord Beckford, no proposito de fazer terminar aquellas divagações imtoes e auctoso por vêr collocada a questão no seu justo terreno.

—Tendes razão! — suspirou Thessalonica, sem o olhar.

—A fé é o alicerce do poder absoluto da monarchia. Está-se criando no reino um partido que já hoje é contra a Igreja e será amanhã contra o throno. Urge destrui-lo. Sacrifique-se o Príncipe para salvar a realza! Pense por um momento só Vossa Grandeza no sangue derramado para cimentar o poder da monarchia. D. João II não recuou diante do homicidio, para arrancar das mãos dos duques a sua participação na realza. Em França, uma rainha italiana, sogra de Maria Stuart e sobrinha de um papa, inundou de sangue a cidade de Paris, comprehendendo que dois partidos religiosos, a lutar nos degraus do throno, acabariam por destrui-lo!

—A liberdade é uma ideia, — disse Thessalonica, pensativo, — e os partidos — que D. João II anniquilou eram apenas interesses!

—Existe sempre uma ideia por detrás de um interesse! O primeiro dever de Vossa Grandeza consiste em manter a auctoridade real, que um partido adverso quer attingir e mutilar! A não ser que Vossa Gran-

deza esteja com os revolucionarios contra a monarchia...

Thessalonica ergueu a cabeça.

E era toda a sua alma violenta que se erguia, decidida á lucta. De repente, elle readquirira o aspecto solenne de divindade, a rudeza de um tyranno plebeu, que se compraz em experimentar a sua omnipotencia.

—Tendes razão! Todo o poder, legitimo ou illegitimo, deve defender-se quando é atacado!

«Farei chamar o Príncipe! Avisarei Sua Magestade dos grandes perigos que ameaçam a coroa! Podeis tranquillisar o chanceller! Não ide julgar que é tarefa difficil a minha! Quero mostrar-vos de que tempera é feita a minha fraqueza. Desde que chegastes a Lisboa, tendes convivido com a maior fidalguia do reino. Parece-vos poderosa, a nobreza de Portugal? Ide vê-la diante de um frade!

Thessalonica ergueu-se, affastou a cadeira, agitou uma campainha de prata, que tinha sobre o buffete.

A porta abriu-se quasi immediatamente. As cortinas de damasco carmesim affastaram-se. A ante-câmara appareceu apinhada de dominicanos. Na penumbra, as alabardas da guarda tudesca scintillavam.

Seguido de lord Beckford, o Arcebispo confessor passou por entre os frades reverentes, mandou abrir as portas da sala do throno, que a Rainha lia atravessar d'ahi a momentos para a sala da coza, e onde toda a corte aguardava a passagem da soberana.

Então, lord Beckford viu, ampliado, o espectáculo que presenciara, dias antes, na casa do Calhariz.

Na pequena sala, de estuques doirados, acotovelava-se e comprimia-se a flor da nobreza de Portugal, os homens com casaca de corte, de portinholas e canhões bordados de folhagens de ouro, a placa da commenda no peito, as fitas vermelhas de Christo ao pescoço, sobre os botes de rendas, a meia de seda, a perna empoadada, o tricorno debaixo do braço; as damas com salas tufadas, o penteado em cachos, os seios a palpatar na coucha dos decotes. Os fidalgos de serviço agrupavam-se em frente á porta do oratorio, por onde devia entrar a Rainha,

com a Princesa Real, a juvenil infanta D. Carlota Joaquina e o infante D. João.

Ao apparecer o vulto volumoso do Arcebispo, toda aquella multidão empoeira e doirada de grandes do reino se curvou. Metade dos circunstantes dobravam o joelho, uns com petições, outros com memorias, pedindo promoções e logares, supplicando bõcos de tal modo que mais parecia uma erodagão accuada em lisongear o amo, que uma fidalguia arrogante fazendo a corte a um frade.

Solenne e riápido, o Arcebispo affastava, com ares desdousados, os cortezãos aduladores, cujos nomes acompanhavam havia seculos a monarchia, cujos antepassados tinham feito as descobertas e as conquistas, resmungando e repellendo os mais bajuladores, caminhando por entre os marquezes e os condes mourellos, como a imagem d'essa mesma Revolução, que se dispunha a combater com inimigo e do que elle era, por uma ironia prophetica do destino, o proprio symbolo! Pallido, trincando o labio, contendo o indignado estunho, lord Beckford seguia atrás da tunica branca do dominicano.

O resplendor subito das luzes, contrastando com a obscuridade do pequeno gabinete do onde sahira, quasi o cegava. E era tão extraordinario o espectáculo d'aquella fidalguia embreada e sobranceira, toda cercada de diamantes, de velludos e de sedas, ajoalhada à usagem do antigo soldado de Chaves, que elle não dava razão ás cores da Princesa rebelde, que aquellas mesmas horas, em Queluz, sonhava o sonho nublado de uma republica prospera, presidida por um monarcha sabio e liberal.

Como um rude pastor abrindo caminho por entre o robanho, Theosaulonica attingira o extremo da sala, parando em frente ao visconde do Ponto de Lima, o marquês de Lavradio e ao conde de Obidos, que se curvavam em repetidas mesuras, dobrando o joelho.

Então, voltando-se para lord Beckford, o Arcebispo teve um grande gesto que envolvia toda a corte insidia de fidalgos.

— Tudo isto é uma sucia de marotos aduladores! Não acredito nem uma palavra do que elles lhe disseram! A sua voz elevava-se, aspera, desenhosa, flagelladora.

— Apesar de brilharem como ouro, a lama não é mais vil. Eu conheço-os bem!

Pallido, com uma tremura nos labios, lord Beckford stava, espantado, as fidalgas sorridentes, cujas mãos resplandecentes de anéis apenas se lembravam do espadim, sob aquellas affrontas e ntrales, para o inclinarem em interminaveis mesuras de respeito!

Theosaulonica, que lia o asombro no olhar e nas pallidas feições de lord Beckford, teve um sorriso impudico e apontando as portinholas bordadas da sua capa de seda preta, em voz onde o ecoar ecoava a voluntya do doradado insulto, disse:

— Ah! está uma prova da prudencia inglesa! Esse botafumeiro para segurar a algebeira é uma invenção preciosa, especialmente na corte! Não o tire, não adote nenhuma das nossas modas, ou terá de se arrendar!

— Nenhuma face estreponece. Nenhuma das mãos patriotas se estirpa, nos hombros da madre-patria e do ouro das espadinas. Nenhuma espinha dorsal se endireitou sob a grosseira affronta.

Curvando-se então sobre o hombro de lord Beckford, que permanecia immovel e asombrado, o frade omnipotente segredou-lhe:

— E assim será com Sua Alteza Real!

CAPITULO XIV Golpe de Mestre

Com a respiração onrueira, Lorenza aguardou de pé, no meio da sala, o visitante. O seu coração adivinhava n'aquelle desconhecido, que se annunciava como chegando das Caldas, o Principe vindo de Queluz. Nunca ella acreditara n'essas visitas nocturnas, que lhe annunciara o marido antes do partir para a sua mysteriosa viagem. E agora, diante da evidencia, lembrando-se da receção humilhante de Queluz, Lorenza considerava-se ainda uma vez vendida, como uma escrava do Oriente, todas as razões politicas, com que Cagliostro tonara vestir dignamente, perante o seu poder de mulher, essas entrevistas nocturnas, eram a mascara de mais um d'essas contratos clandestinos, pelos quos elle cedia a um esquivo e logar de marido no seu leito de esposa. E essa ludibrio de os olhos victimas rosnava de indignação e maldizava-lhe os olhos de hermas do desespero. Preferiria arrastar por toda a vida a existencia de uma corteza maelvavel, a ser vendida assim, como uma fureta do harem, ao homem para o qual, pela primeira vez, no seu coração de eremita contaminada, um espirital amor desabrochava, como um lyrio n'um paol.

Era inutilmente que o homem terrivel e fatal a quem prendera o destino lhe desenhava faturas de felicidade e grandezza, apontando-lhe as favoritas rezes, que, como a Maintenon, subdaria da lama ao throno, e nos conselhos de ministros, a traz de um biumbo, segredavam ao monarcha a sorte da paz e das guerras. Esse duello obstinado em que se empunhava Cagliostro deixava-a combalida do terror. Nenhuma luz de esperanca a animava; antes funestos presentimentos onchiam de ameaças as suas noites de vigilia e os seus curtos sonnos de fadiga. Não o era com vaidades alegres, mas com um irreprimivel medo, que ella comparava a obscuridade da sua infancia lúmda, na officina paterna, aos extraordinarios desastres da sua vida presente, e se via, vestida de sedas, arrocada de joias falsas, a passear em jardins reames pela mão de um duque, parente de reis, em recolhendo á meia noite, no seu quarto, um principe, herdeiro do throno. Mais uma vez ella sentia-se o cetro inconsciente e passivo de uma machinação de Cagliostro. Mas era debalde que tentava penetrar os segredos mysteriosos que a envolviam. Atirava-se para os braços d'um principe, que ella candidamente amava com o 1.º primeiro amor do seu coração, feito do devanço e pumores do flandello, em volta d'aquelle idyllia, como z'uma tela de aranha, onde ella fosse a mosca sacrificanda, via moverem-se sombras de espies da policia, de fidalguia da Santa Officina, de fidalgos galanteadores a e do samaras sinjeras.

Duas lagrimas deslizaram pelas suas faces pallidas, ao escutar o rumor dos passos, subindo a escada.

As velas das placas i illuminavam a sala e a alcova, onde se elevavam as columnas torcidas do seu leito de casada.

Então, n'um gesto de jo e dope sagrado, ella correu as cortinas da alcova, para a esconder aquelle altar de corteza, e esperou, immovel, esse homem desconhecido, que caminhava para ella.

A esperanca de que o não era talvez o principe deu-lhe animo por um instante. Porque não havia de ser



D. CARLOTTA JOAQUINA

um simples mensageiro e do marido, portador de uma carta ou de uma noticia?

Mas a luz da lanterna a illuminou no corredor o vulto, que se avizinava, embucado até aos olhos n'uma capa. Então, uma nova obscuração lhe a vista. Sentiu-se desfallecer. A custo reteve um grito.

N'aquelle homem esbeltao, no gesto imperioso com que despedira o leonandreiro, ella adivinhara, mais do que reconheceu, o principe do Brazil.

Assim, era verdade que Cagliostro a vendia e a entregava como uma contribuinte, e que esses mysteriosos pretextos de correspondencias politicas, que elle inventava para as visitas do p principe, dissimulavam apenas entrevistas de amor.

Para que vinha D. José de Queluz a Belem, se nenhuma mensagem ella a recebera das Caldas, se nunca mais tivera noticias do marido, se ignorava por completo a audaciosa aventura em que a faziam intervir? — Tudo te direi, depois de chegar ás Caldas; receberás instrucções alinhas e circumnavegações para Sua Alteza... — essas tinham sido as palavras de Cagliostro, no retirar-se. E, no logar das mensagens, era o amante imposto pela sua ambição, que elle lhe mandava de noite, ocionalmente, e a hospedarla! Enquanto, nos jardins de Queluz, ella passava pela mão do duque de Lafões, que lhe fazia adimir as estatuas, o Principe o seu marido dissimulava talvez as condições de venda dos seus hojos!

A essa idea, que de o repente lhe acudia, uma indignada revolta affogou-se. E era tão hostil o fulgor dos seus olhos, tão durara a expressão do seu rosto infantil, que D. José estacou a meio da sala, hesitante e interdito.

— Não me esperava, corcondessa?

— Tinham-me annunciando um mensageiro, com cartas do meu marido... — balbuciou Lorenza, com voz tremula.

D. José teve um movimento de surpresa e foi fechar a porta, que deixara aberta.

Lorenza ergueu as mãos, n'um gesto implorante.

— Não a fecheis, senhor!

— E' inutil que nos oncam...

Lorenza recuou lentamente até á parede.

— E que tem Vossa Alteza a dizer-me, que se não possa ouvir?

D. José, pela segunda vez, quedou asombrado, diante do terror d'aquella face pallida, e disse em voz baixa:

— Por certo, o conde não deixou de a prevenir da minha visita... Tenho o maior interesse em saber o que se passa, a estas horas, nas Caldas... O conde deve ter-lhe communicado em linguagem cifrada informações que me dizem respeito...

Lorenza fez um signal negativo com a cabeça.

— Meu marido não me escreveu... Tudo ignoro...

Nada tenho a dizer a Vossa Alteza...

Mas em frente d'aquella mulher tremula e receiosa, cujo voz mal se ouvia, uma ansiedade passou no espirito do Principe.

Em silencio D. José investigou com o olhar todo o quarto, apontou o reposteiro da alcova:

— Quem está ali?

Lorenza levantou a cabeça, com uma grave attitudão.

— Ninguém.

— Corra esse reposteiro, condessa! — ordenou D. José, imperiosamente.

Lorenza teve um energico gesto de negativa, e abrindo os braços ante a porta da alcova, fechando-a com o corpo, implorou:

— Por piedade! Juro a Vossa Alteza que sou uma mulher virtuosa!

O principe caminhou para ella em silencio, affastou-a rudemente e correu o reposteiro.

Lorenza cahiu n'uma cadeira, a soluçar. Sem comprehender, D. José olhava a alcova, que o grande leito quasi tomava por inteiro, com o seu doce de damasco carmeim suspenso das quatro columnas torcidas.

— Porque chora, condessa?

Com a face oculta nas mãos e dobrada sobre os joelhos, Lorenza chorava sempre, n'um desesperado choro de eremita.

Com voz mais terna, D. José perguntou novamente:

— Porque chora, condessa?

E diante da sua teimosa recusa em responder, D. José pousou a mão nos seus hombros vergados.

— Quiz retribuir-lhe a receção de Queluz?

— E ao seu coração de mulher não mereceram indulgencia e respeito as minhas preoccupações e desgostos... Vê-me n'este instante, exposto aos maiores perigos, sóinho n'uma hospedaria sueneita, espiado talvez, inquieto e afflicto, a uma condessa chora! Seu marido faz-me vir de Queluz a Belem, como se a um principe fosse facil saltar-se do captivado de um palacio, e em logar das noticias que procuro, encontro lagrimas! Ou en enlanguiceei eu ha um mal entendido entre nós. Pense por um momento que os mais graves negocios do Estado estão a estas horas na dependencia dos seus caprichos! Reflitta que o meu destino e a sorte da cora se ha entre as suas mãos! Domestado sei que não posso usar de violencia! Confio na sua honra e na palavra do conde, vindo aqui, Não são lagrimas de mulher que podem apaziguar a minha inquietude! Ou dar-se-ha o caso que eu tenha cahido n'um laço perfido e que essas lagrimas sejam de remorso? O conde deve ter-lhe expellido das Caldas noticias que me dizem respeito. Quaes são ellas? Mesmo más que ellas sejam, é indispensavel que eu as conheça...

Lorenza ergueu os olhos cheios de lagrimas:

— Senhor, nenhuma noticia recebi do meu marido...

— E' impossivel!

— Para que havia eu de mentir?

— Entretanto, o conde prometteu-mas...

— Essas noticias são da vir...

— Ainda não chegaram.

D. José olhou em redor, desconfiantemente.

— Por que se recusa, ha um instante, a abrir o reposteiro da alcova?

Lorenza occultou a face entre as mãos.

— Por que? Baronesa! Havia algum n'este quarto, quando eu chorava? A condessa oculta espies ou amantos na sua alcova?

Anelle insulto, Lorenza levantou-se. As lagrimas deixavam, de repente, de correr dos seus olhos azues.

O seu braço ergueu-se para uma das placas, de onde arrancou uma vela preta e gravemente, com uma pallidez de morte, diante de D. José estupefacto, illuminou a alcova sombria, ergueu, um a um, os reposteiros.

— Senhor, no meu quarto ha apenas um principe que me insulta!

— Tem razão de me querer mal, condessa! — disse D. José com voz triste.

— Eu não quero mal a Vossa Alteza... Deus sabe quanto bem lhe desejo... Ha dois dias, dirigime a Queluz, com a esperanca de que Vossa Alteza attenderia uma pobre mulher desgraçada e afflicta...

Mas Vossa Alteza não me quiz ouvir... Antes me tivesse ouvido!

— O que me ha a dizer a Queluz, condessa?

— O que eu ha a pedir a Vossa Alteza?

— Não me quer dizer?

— Senhor...



A LAPIDE Á ENTRADA DO CARNEIRO DECOBERTO NA SACRISTIA DA EGREJA DE S. DOMINGOS, EM VIRTUDE DO ABATIMENTO DE UMA ADORNADA E QUE SE VERIFICOU TER SIDO INSITUIDO POR LUIZ DE MELLO BARBUDA, POR ESCRITURA DE 1 DE MAIO DE 1664

CHRONICA ELEGANTE

Os sinos festivos repicam por occasião da *Páscoa* frente que representa a festa jubilosa da Ressurreição no meio da natureza em festa, em pleno abril fresco, florido e alegre mesmo quando seja mimosoado pelos orvalhos celestes.

No tempo de Luiz XIV o proprio soberano costumava offerecer ás damas da corte e aos cortesãos ovos duros simplesmente coloridos de vermelho e amarelo. Este habito conservou-se, mas com as modificações e variações trazidas pelo tempo e pelo progresso os ovos de Paschoa são actualmente objecto de particular attenção e prestam-se a toda a sorte de lindas, mas innovações e requintado luxo.

A originalidade é um dos preciosos *cachets* d'estes presentes tão opportunos e suggestivos.

Além das caixas de sedas, veludados e flus já bem conhecidas e quasi sempre lu-

xuosas, apparecem agora as flores como elemento primordial na confecção d'estes mimosos productos da industria elegante.

Alguns figuram um *buisson* feito de ramos de cerejeira floridos, com bogalhos e fetos, e o ovo é formado de violetas de Parma muito apertadas, junquinhos ou narcisos; no topo do *buisson* uma andorinha pousa graciosamente.

E' formosissima tambem a disposição em forma de gondola de anémonas cor de rosa com as cordas figuradas por hastes finas de medeolas e o grande ovo feito de junquinhos ou myosotes.

E quantas phantasias floridas, rusticas e graciosas feitas de musgo, *lichens*, fetos, avencas, espargacos, for-

O que ainda não se conseguin foi dar um aspecto apresentavel ás *sportswomen* e *sportmen* do auto. A ingenuidade dos modistos e modistas esbarrou ante o difficil problema de embulhar uma pessoa para a preservar do pó e do vento e dar-lhe ao mesmo tempo um aspecto supportavel.

Estamos, porém, seguros que se ha de chegar a alguma solução satisfactoria e é até possível que surja outro invento supplantando os automoveis.

FIG. 1—*Manteau* leve para automovel em panno *gris poussier* com bandas e vivos de pelica branca ou creme.

Bonnet de panno com véu de gaze.

FIG. 2—Chapéu de primavera em palha *blé* com as abas interiormente pretas.

Ramo de rosas com folhagem e espigas verdes.

FIG. 3—*Toilette* de passeio e viagem em *cheviotte* verde com guarnições de galão e setim preto.

Chapéu *quaker* em palha de arroz preta com fita de orela dourada.



FIGURA 3



FIGURA 2

mando ninhos com os ovos de flores, sedas, gazes, ou rendas, contendo *boutons* e doces variados.

A graciosidade d'estes brinde de origem tão remota, mas que conservam o cunho das cousas antigas, nada bonas e infinitas, afasta-nos por momentos da vertigem moderna, da vida á *grandes guides*, das cousas praticas, fortes e... feitas da actualidade, dos dirigiveis, dos automoveis e muitas cousas mais. Os automoveis, que ha meia duzia d'annos nos pareciam monstros phantasticos e terriveis, vão ganhando terreno em toda a accepção da palavra. Já ninguém se volta para os vêr, já ninguém se revolta com as desordenadas correrias, a não ser alguma victima.



FIGURA 1

Suplemento
Humorístico

O SECULO

Publica-se
às terças feiras

Com a primeira e ultima paginas a cores, produzindo um optimo effeito, e que rivalisa com os jornaes estrangeiros n'este genero

Director artistico — **Jorge Colaço** — Director litterario — **Accacio de Paiva**

PROPRIEDADE DA EMPREZA DO JORNAL O SECULO

Preço das assignaturas: — (Pagamento adiantado) — Portugal e ilhas adjacentes, 3 mezes, 250 réis; 6 mezes, 500 réis; 1 anno, 1400 réis. — Africa Portugueza, 6 mezes 500 réis; 1 anno, 1400 réis. — Hespanha, 6 mezes, 700 réis; 1 anno, 1400 réis. — Estrangeiro, 1 anno, 1600 réis. — Brazil, 1 anno, 2400 réis.

Redacção, administração e officinas de photographia, zincographia, stereotypia, composição e impressão — Rua Formosa — LISBOA

A descoberta do Brazil

É um trabalho de grande valor historico em que, á face de documentos até hoje inéditos, se descreve a gloriosissima descoberta

de **PEDRO ALVARES CABRAL**

Um volume, illustrado com optimas gravuras e capa de aguarrella.

Brochura 500, cartonado 700
PEDIDOS

A' Bibliotheca d'O SECULO - LISBOA

O MARQUEZ DE POMBAL

Por Antonio de Campos Junior — 2.ª edição de luxo

Grande romance historico, ornado com excellentes gravuras, sendo grande numero da pagina

Este romance, como todos d'este laureado escriptor, tem obtido um grande exito no mundo litterario

Assignatura permanente

Todos os pedidos devem ser dirigidos ás agencias ou á

BIBLIOTHECA D'O SECULO — Lisboa

CORACÃO DE CRIANÇA

Por Charles de Vitis, Sensacional trabalho dramatico, constando de dois volumes de 700 paginas cada um, illustrados com gravuras e encadernado com uma rica capa a dourado e cores.

A obra completa em brochura 4\$000 réis e cartonada 5\$000 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos aos agentes da empresa ou á

Bibliotheca d'O SECULO — LISBOA

EM PUBLICAÇÃO

2.ª edição do grande romance historico

LUIZ DE CAMÕES

por Antonio de Campos Junior

Este romance quando publicado em folhetins n'O SECULO, obteve exito tão imponente que se esgotou em poucos dias a primeira edição economica.

Publica-se em cadernetas semanaes ou em tomos mensaes

As assignaturas poderão ser requisitadas nas agencias da BIBLIOTHECA ILLUSTRADA D'O SECULO, em todas as terras do reino, ultramar e Brazil, ou na sede da

Empresa d'O SECULO — Lisboa

Madame Sans-Gêne

GRANDE ROMANCE MILITAR E HISTORICO

Dramatisação emocionante da epopéa napoleonica
composto sobre
a peça de Victorien Sardou

POR

EDMOND LEPELLETIER

ILLUSTRADO DE MAGNIFICAS GRAVURAS

Um volume de 1:288 paginas, encadernado 44200 réis

Todos os pedidos devem ser dirigidos
aos agentes d'O SECULO ou á

Bibliotheca d'O SECULO
LISBOA

O SECULO

O JORNAL PORTUGUEZ DE MAIOR TIRAGEM — Publica-se em numeros de 6 e 8 paginas

Unico jornal portuguez que tem montado o serviço de correspondencia postal e telegraphica em todas as terras do paiz.

Publica a miudo grande numero de illustrações em zincographia allusivas aos acontecimentos de interesse e actualidade.

Agencias em todas as cidades e villas do paiz

Correspondentes nas principaes cidades do mundo

Serviço telegraphico do estrangeiro

Redacção, administração, officina de photographia, zincographia, stereotypia, typographia e impressão — Rua Formosa — LISBOA

Diario da manhã, litterario e noticioso

ASSIGNATURA

Portugal, ilhas adjacentes e Africa portugueza: 3 mezes 300 réis; 6 mezes 1\$800; 1 anno 3\$600 réis.

Lisboa: 1 mez 300 réis.

Hespanha: 3 mezes 1\$200 réis; 6 mezes 2\$400 réis; 1 anno 4\$800 réis

Nos outros territorios da união postal: 6 mezes 4\$500 réis; 1 anno 9\$000 réis.

Annuncios e reclam.: Preço sujeito ás tabelas da administração

LOMBADAS



A rainha das aguas de meza, leve, estomacal, digestiva, limpida e pura

O acido carbonico é NATURAL

Não é, como em algumas aguas, introduzido artificialmente

E' agua carbo-gazosa-NATURAL

Eis a sua analyse official:

Bicarbonato de cal e de soda	0,064	grammas
Chloreto de potassio e de sodio	0,028	"
Peroxido de ferro e de manganex	0,007	"
Silica	0,089	"
Acido carbonico, livre	2,835	"

Esta agua é muito recommendada para dores de estomago, digestões difficeis, figado, rins e bexiga

E' uma agua de que se pode usar e abusar sem receio, porque o acido carbonico que ella contem é NATURAL

Unico agente exportador para o Brazil

ANTONIO MARQUES DOS SANTOS

Rua Arco Bandeira, 207, 2.º—LISBOA

Pedir tabellas de preços e analyse official no

DEPOSITO GERAL

EM LISBOA—106, Avenida da Liberdade, 110

NO PORTO—Alfredo de Souza Johnston—Rua Nova da Alfandega, 70, 1.º

EM COIMBRA—Rodrigues da Silva & C.—Rua Ferreira Borges

VENDA A MIUDO—Em todas as pharmacias, drogarias, hotéis, restaurantes, etc., etc.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Alfredo David

ENCADERNADOR E DOURADOR

Officinas movidas a vapor

Premiado em varias exposições

Rua Serpa Pinto, n.º 30, 32, 34 e 36
Rua Anchieta, 8 e 8 A

CASA FUNDADA EM 1867 LISBOA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

O SECULO

ASSIGNATURAS—(Pagamento adeantado em Lisboa)

Brazil: (moeda fraca): 1 anno 15\$000 réis.

Portugal, ilhas adjacentes e Africa Portugueza: 1 anno 1\$500 réis; 6 mezes 750 réis.—Numero avulso 30 réis.

Nos outros territorios da União Postal: 1 anno 3\$000 réis.

Proprietario e director: **J. J. da Silva Graça**

Redacção, administração e officinas de typographia, stereotypia, impressão, photographia, zincographia e photogravura

LISBOA

EDIÇÃO para o Brazil, Açores, Madeira e Colonias Portuguezas

GUERREIRO E MONGE

Por A. de Campos Junior

3.ª edição

Grande romance historico

Luxuosamente illustrado com numerosas e deslumbrantes gravuras

Este romance tem obtido um extraordinario exito

tanto no estrangeiro como em Portugal

Um optimo volume em brochura e encadernado em percalina, com capa de um effeito surpreendente e valioso trabalho em aguarella do eximio pintor Condeixa.—Pedidos ás agencias, ou para a

Bibliotheca d'O SECULO—LISBOA

LOJA DA AMERICA

Enxovaes

Roupa branca

206, RUA DO OURO, 208

Almanach Illustrado d'O SECULO

PARA 1904

Interessante livrinho repleto de gravuras e contendo paginas recheiadas de esclarecimentos uteis da vida pratica e acompanhado de bella prosa e passatempos.

Recebem-se encomendas as quaes devem ser dirigidas ás agencias d'esta empresa ou á Bibliotheca d'O SECULO

LISBOA